

Emília Passos de Oliveira Bezerra

**A MIM ENSINOU-ME TUDO: O (RE)NASCIMENTO DO HOMEM ESTÉTICO – UMA
LEITURA DO POEMA VIII DE O GUARDADOR DE REBANHOS, DE ALBERTO
CAEIRO**

Emília Passos de Oliveira Bezerra¹

¹ Doutora em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

RESUMO

O presente artigo faz uma leitura do poema VIII de *O Guardador de Rebanhos* (2006), do heterônimo pessoano, Alberto Caeiro. Traz como perspectiva leitora a figura de Jesus Cristo como a imagem de reintegração do Ser consciente – ligado à infinita possibilidade de (re)nascimento do homem estético schilleriano, em que sensibilidade e razão equilibradas potencializam a imaginação criadora. O artigo buscou em

Gaston Bachelard o conceito de “desejo de devaneio” como o caminho para essa imaginação realizada por Jesus Cristo “feito menino”; tratou também do estudo fenomenológico da imagem “casa” como a que revela ao mesmo tempo conforto e intimidade e restabelece a aliança com nosso ser mais puro e original.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo. Homem estético. Imaginação. Sensibilidade. Razão.

“[...] um gênio pequeno alcança a fama, um grande gênio alcança o descrédito, um gênio ainda maior alcança o desespero; um deus é crucificado.” (PESSOA, 1988, p. 81).

Em parte do espólio de Fernando Pessoa, reservado da Biblioteca Nacional de Portugal, encontram-se pastas catalogadas sobre Numerologia, Astrologia, Magia, Alquimia e temas afins. Pessoa foi um estudioso de Astrologia. Compôs mapas astrológicos sobre a Declaração de Guerra no Parlamento, sobre o tema da Implantação da República e a tomada de posse do governo de Afonso Costa bem como mapas do seu amigo Aleister Crowley e dos seus heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e outros.

O poema VIII de “O Guardador de Rebanhos” (2006) é tecido poético cuidadosamente bordado por Alberto Caeiro – o heterônimo-Mestre. O número oito, astrologicamente falando, refere-se ao oitavo signo zodiacal que tem como planeta regente Plutão, o planeta do renascimento. Assim explica Dane Rudhyar, em “Tríptico Astrológico” (1995): “Plutão deve, com efeito, ser entendido como o poder que compele todas as individuações separadas (ego, entidades nacionais, culturas específicas etc) a tornar a suas raízes coletivas ou aos fundamentos de seu ser.” (RUDHYAR, 1995, p. 242).

Plutão suscita o caráter espantoso das confrontações como condições necessárias de reintegração no Ser consciente. Seguindo esta premissa, o poeta apresenta-nos duas figuras de Jesus Cristo e confronta-as. Assim começa:

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva

E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
[...]
(PESSOA, 2006a, p. 104).

Liberto do estigma dogmático, Jesus Cristo é restituído em sua humanidade pelo sonho e pela infância – “Tornado outra vez menino”. Alberto Caeiro, nitidamente, nos apresenta duas *personas* – a primeira construída pelo “prosaismo da vida”, instituída pela história e pela Igreja:

No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas –
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia no mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.
Não era uma mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!
(PESSOA, 2006, p. 104).

Os nascidos sob a regência de Plutão – Escorpião - são donos de si e agem tomados pela emoção. Conhecem as profundezas da alma, possuem capacidade de regeneração e a intuição é um dos seus pontos fortes. Pessoas nascidas sob este signo são pessoas com grande apelo pelo oculto e pela ciência.

Caracteristicamente, escorpiano, esse primeiro Jesus Cristo é apresentado com inteligência sarcástica, ressentida e mesmo vingativa pois busca confrontar a imagem idealizada pela Igreja e que em nada corresponde ao homem divinizado. Carrega, na descrição do poeta, o irônico paradoxo: “Era nosso demais para fingir \ De segunda pessoa da Trindade.”

A segunda *persona*, Jesus Cristo feito menino, é-nos apresentada pela poética do devaneio, do sonhador que nutre a vida de imagens felizes:

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o Sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.
(PESSOA, 2006, p.105).

Vamos buscar com Gaston Bachelard, em “A Poética do Devaneio” (1996), as expressões que melhor fundamentam também essa nossa leitura. O poeta narra que teve um sonho, um sonho diurno – “Num meio-dia de fim de primavera” – que, na verdade, é o seu desejo de devaneio, o caminho para a imaginação. Bachelard nos diz que o devaneio do dia é aquele que “beneficia-se de uma tranquilidade lúcida.” (BACHELARD, 1996, p. 60). A imaginação poética está inscrita na figura de uma criança, em que o Ser não está constituído pela “responsabilidade do Ser” e, por isso mesmo, enquanto sujeito pode-se firmar livre, inventor de outra vida, aberto a novas possibilidades e visões – eis a infinita possibilidade de (re)nascimento do homem estético proposto, por exemplo, por Schiller em “A Educação Estética do Homem” (1990) como a que conduz ao ilimitado:

[...] somente o estético é um todo em si mesmo, já que reúne em si todas as condições de sua origem e persistência. Somente aqui sentimo-nos como que arrancados ao tempo; nossa humanidade manifesta-se com pureza e *integridade*, como se não houvera sofrido ainda ruptura alguma pelas forças exteriores. (SCHILLER, EEH, 1990, p. 114).

Caeiro reconta/reconstrói a “unidade” de Jesus Cristo, não mais como aquele que desce da cruz para mostrar uma nova concepção do Universo, não mais o crucificado e o teológico, mas aquele que encarna de forma nítida o mundo das coisas e das sensações. Longe das complicações metafísicas e religiosas, essa criança vem ensinar o poeta, pegando na sua mão, a olhar tudo quanto existe. Esse menino escorpiano, eternamente humano e criança, em síntese, é um presente da imaginação, a única capaz de potencializar o ser humano como sujeito criador, agindo sobre a materialidade da sensibilidade e da razão a um só tempo:

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.
(PESSOA, 2006, p. 105).

Poeta e menino se conduzem a um Universo íntimo de solidão, em que o divino e o humano equilibram-se, unificam-se. O “Menino Jesus verdadeiro”, a “Eterna Criança” devolve ao poeta a condição natural de existir e de sentir:

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre.
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.
(PESSOA, 2006, p. 105).

Alberto Caeiro traz à imagem de Jesus Cristo um novo significado, uma nova finalidade. O Jesus Cristo feito menino surge como o poder criativo do Ser, assumindo simultaneamente a denominação de “Filho do Homem” e “Filho de Deus” porque em ambos é possível ver a identificação irrestrita com o destino humano. A voz poética imprime uma imagem de Jesus Cristo não mais como a personalidade investida do poder da mística, mas do Eu apresentado como o do

Mito que triunfa, do homem panteisticamente renascido: “Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.”

Pela imaginação poética, a imagem da criança e do poeta personifica o simbolismo do duplo. Os dois seres refletindo o “em si”. O poeta se vê no menino que caminha ao seu lado restaurando sensações e percepções. Ao Menino-deus cumpre a dupla tarefa de (re)conduzir o ser humano às forças misteriosas da existência e abandonadas pela vida artificial, de restaurar sua aliança com tudo que existe, buscando a Verdade e investindo num outro tipo de autoridade. Como num ritual, “A Criança Nova”, o poeta e “a tudo que existe” - convergidos na imagem do três em um - experimentam a glória do mistério desmistificado:

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me a mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontado.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
(PESSOA, 2006, p. 106).

A imagem acima revela que “Ele” se transforma no “Eu”, surgindo disso a imortalidade pessoal; o humano que é divino e o divino que é humano detém nessa essência dual a construção de uma única identidade:

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.
(PESSOA, 2006, p. 106).

A identidade que ensina a olhar para as coisas, dinamizando o poder humano de sentir e pensar, investigando o real e revestindo-o de força vital:

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,

Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.
(PESSOA, 2006, p.107).

E, ao mesmo tempo, descrevendo esse real singularizado na vida quotidiana dos homens, imersos em seus sonhos materiais, revivendo suas histórias e trajetórias escolhidas:

Depois eu conto-lhe histórias das coisas dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do Sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos dos muros caiados.
(PESSOA, 2006, p. 107).

Trajetoórias divorciadas da experiência pacífica entre os homens e a Natureza; inquietudes que os obrigaram a distanciarem-se do sonho e prenderem-se ao tempo e ao espaço estáveis. Aspectos que só podem ser transmutados pela experiência poética do mundo, colocada em seu estado nascente:

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.
(PESSOA, 2006, p. 107).

Bachelard em “A poética do espaço” (1978) conduz-nos ao estudo fenomenológico da imagem da “casa”. O Menino-deus adormecido (a divina condição humana do sono que remete à paz que o corpo imóvel experimenta) é levado para dentro “de casa”. A imagem da casa indica, ao mesmo tempo, proteção e refúgio. Pela fenomenologia de Bachelard, essa imagem é de “um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade.” (BACHELARD, 1978, p. 228). Objetivamente, pela casa reencontramos nossa intimidade com o passado essencial e (re)estabelecemos a aliança com nosso ser mais puro e original.

O poeta apresenta como detalhe a figura da criança que é levada para dentro de casa, que dorme, que é deitada e despida. A imagem casa-corpo humano funciona como “território habitado”. O poeta, neste momento, é o guia, aquele que busca restituir o valor cosmológico do homem. O homem estético renascido tem na figura do Menino-deus o desafio inescapável da renovação em que sensibilidade e razão possam, potencialmente, serem experimentadas simultaneamente.

Na fruição do relacionamento, Menino-deus e poeta assumem a situação existencial da Paz:

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer,
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.
(PESSOA, 2006, p. 107).

Mais uma vez, a infância é tomada aqui como a magnânima fase humana em que a possibilidade do Ser é infinita e que nossa memória, nossas lembranças (cansadas e humanas) sejam apagadas pelo sono e pelo sonho, e a casa/corpo, mais uma vez, abrigue o homem novo, livre, (re)nascido no melhor dia – “Que tu sabes qual é”.

A história e as religiões há dois mil anos contam-nos os feitos de um homem nascido em Belém. O Homem-Deus que pregou a chegada do reino de Deus, demonstrou pelo ministério da cura inúmeros milagres como transformar a água em vinho, curar um paralítico, um cego, um leproso, alimentar 5000 pessoas com 5 pães e 2 peixes, acalmar uma tempestade etc. Ao lado desse Homem-Deus, fazedor de milagres, vive o homem que preconiza os valores humanos na sua integridade, o mesmo homem sensível e racional que Caeiro nos apresenta como criança, aquele que nos devolve a capacidade de ver e sentir o mundo ao redor, que nos restitui o humano dilacerado pelas corrupções civilizacionais e nos devolve a “infância do Ser” preenchido com a possibilidade do devaneio que, segundo Bachelard, prova: “que o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver.” (BACHELARD, 1996, p. 15). Esse mundo corroborado por Schiller, preenchido pela “beleza suavizante”:

A beleza suavizante, afirmou-se, está para uma mente tensa assim como a enérgica para uma mente distendida. [...] O homem dominado unilateralmente por sentimentos ou

sensivelmente tenso é dissolvido e posto em liberdade pela forma; o homem dominado unilateralmente por leis e espiritualmente tenso é dissolvido e posto em liberdade pela matéria. A beleza suavizante, para satisfazer a essa dupla tarefa, mostrar-se-á sob dois aspectos. *Em primeiro lugar*, como forma calma, ela amenizará a vida selvagem e abrirá o caminho das sensações para o pensamento; *em segundo lugar*, como imagem viva, ela armará de força sensível a forma abstrata, reconduzirá o conceito à intuição e a lei ao sentimento. O primeiro serviço ela presta ao homem natural, o segundo ao artificial. Todavia, por não legislar inteiramente sobre o seu material, mas depender do que lhe oferecem a natureza informe e o artifício antinatural, em ambos os casos ela terá marcas de sua origem, perdendo-se ora mais na vida material, ora mais na forma abstrata.

Para podermos conceber a beleza como meio de suprimir essa dupla tensão, **temos de tentar buscar sua origem na mente humana**. Preparai-vos, então, para mais uma curta estada no âmbito da especulação, antes de deixá-lo de vez e prosseguir, com passo cada vez mais seguro, no campo da experiência. (SCHILLER, EEH, 1990, p. 92-93).

A educação do homem pela “beleza suavizante” é-nos mostrada pela experiência poética de “O Guardador de Rebanhos” (2006) que, a todo tempo, induz-nos a domar as sensações pelos pensamentos e os pensamentos pelas sensações numa constante busca pelo equilíbrio entre essas potencialidades. O contraste e o paradoxo delas são a eterna luz e sombra humanas, no entanto, esses opostos se encontram em inter-relação criativa. A figura do Menino Jesus, longe de dogmatizar, revela a verdade original da “mente humana” que já tem como constituição a dupla função de educar e ser educada, de cuidar e ser cuidada, bem como traz à tona a personificação do que Fernando Pessoa conceituou como “transcendentalismo panteísta”: “[...] A suprema verdade que se pode dizer de uma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo”(PESSOA, OP, 1976, p.393). Finaliza o poeta:

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há-de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quando as religiões ensinam?
(PESSOA, 2006, p.108).

Lembramo-nos do verso do poeta inglês Wordsworth (1770-1850) utilizado por Machado de Assis no capítulo XI do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1997): “O menino é pai do homem”. O mágico encontro dos dois num só revela que o poeta-homem já está presente no menino (Menino Jesus), assim como o menino guarda as possibilidades futuras do poeta-homem. O estatuto ontológico do espírito infantil é traduzido como fonte de renovação da experiência adulta, e que pela experiência artística, no caso a poética, essa osmose se concretiza. Nisso e por isso o poema VIII significa para nós a grande jóia de “O Guardador de Rebanhos” (2006).

ABSTRACT

The present article is a reading of the VIII poem of The Keeper of Herds (O Guardador de Rebanhos), Fernando Pessoa's heteronym, Alberto Caeiro. It brings the perspective of the figure of Jesus Christ as the reintegration image of a conscious being – connected to the infinite possibility of (re) birth of the Schillerian's aesthetic man, where sensitivity and reason in balance can potentiate the creative imagination. The article sought in Gaston Bachelard the concept of "daydream desire" as a way to this imagination accomplished by Jesus Christ "made boy"; also with the phenomenological study of the image "house" as it reveals both comfort and intimacy and restore the alliance with our most pure and original being.

KEYWORDS: Jesus Christ. Aesthetic man. Imagination. Sensitivity. Reason.

REFERÊNCIA

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Globo, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHILLER, Friedrich von. **A educação estética do homem numa série de cartas**. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1990.

PESSOA, Fernando. **Teoria e crítica literária**. Coordenação e Introdução de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa: poemas de Alberto Caeiro**. Introdução, Organização e Bibliografia de Antônio Quadros. 4. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2006, p. 97-128.

RUDHYAR, Dane. **Tríptico astrológico**. São Paulo: Pensamento, 1995.

